

AS ETAPAS DA PESQUISA HISTÓRICA

Prof. Dr. Francisco José Alves

fjalves@infonet.com.br

São Cristóvão - SE

AS ETAPAS DA PESQUISA HISTÓRICA

A escolha do tema

1 - Critérios para a escolha do tema

1.1 Os critérios científicos:

Antes de iniciar a pesquisa, cabe perguntar pela sua relevância. O trabalho irá preencher uma “lacuna” nos estudos sobre o tema? É útil? A pesquisa foi notificada pelos peritos ou especialistas? A investigação fará avançar os estudos no campo ou área? Inova o setor no qual está inserido? Para responder a essas indagações é indispensável à consulta à literatura, aos peritos da área. Conhecer a tradição.

1.2 Os critérios sociais

Considerando que a História é produzida para a sociedade, convém levar em conta a **utilidade do tema** que se pretende estudar ou investigar. Neste sentido, por exemplo, seria relevante historiar ou mapear bairros rurais de afrodescendentes nos municípios sergipanos. Do mesmo modo, uma história documentada de cada um dos municípios sergipanos seria muito bem vinda. Com uma história das velhas paróquias de Sergipe é outra tarefa socialmente necessária. A indagação básica é: A minha pesquisa contribuirá para o bem coletivo, o bem comum? Tem função social, uma serventia.

1.3 O critério pessoal

Pesquisar é travar com o objeto uma relação prolongada e intensa. Assim sendo, é conveniente escolher tópicos **com os quais se tem alguma**

afinidade. Pesquisar um tema é como casar: exige alguma afinidade. O ideal é estudar temas que apaixonam, que mexem conosco, nos envolvem. De fato, **o tema ideal é cientificamente relevante, socialmente útil e pessoalmente apaixonante.** É o ideal... O real é sempre mais complexo.

2. Condições materiais para a escolha do tema

2.1 O acesso aos dados e a bibliografia

A pesquisa historiográfica exige algumas condições básicas. A primeira delas é a disponibilidade dos dados, isto é, as fontes históricas ou evidências. Não há tema bom sem fontes necessárias para efetivar a pesquisa. A história só é possível com fontes. Antes de se decidir por um tema, o pesquisador deve se perguntar: **“As fontes que preciso são acessíveis?”** **“Tenho condições de acessá-las?”** Em caso negativo, é imperativo abandonar o tema. A segunda condição da pesquisa é o acesso à bibliografia historiográfica, o que já foi feito, a **tradição** de estudos sobre o assunto. **A revisão de literatura é fundamental.**

2.2 A disponibilidade de tempo

Antes de me decidir por tema também devo considerar o tempo necessário para realizar a pesquisa. Que tempo disponho para realizar a tarefa? Sou um pesquisador em tempo integral ou tenho somente alguns dias ou horas para fazer o trabalho? Aqui a consulta aos mais experientes é muito útil, evita iniciar tarefas que não terão condições de findar. Evita frustrações

ou “chover no molhado”. Também vale considerar o tipo da pesquisa. É uma monografia, uma tese, uma dissertação, um artigo científico, um relatório? Cada tipo demanda uma carga horária diferenciada.

2.3 A competência pessoal

Um ditado popular diz: “Somente se deve por a mão onde o braço alcança.” Isto também vale para o fazer historiográfico. O iniciante deve se limitar a investigar temas menos complexos. Via de regra, a audácia neófito resulta em fiasco. Não se deve realizar tarefas superiores às forças ou possibilidades... A competência diz respeito às **tarefas, práticas e também cognitivas**. Sou capaz de “ler” os documentos daquela época? Sou capaz de interpretar aquele testemunho ou evidência? Sou capaz de efetivar aquela **operação cognitiva** necessária à pesquisa? São indagações fundamentais. Antes de iniciar a investigação é preciso ponderar.

3 – Alguns meios fornecedores de temas

3.1 A bibliografia sobre o tema

Em História, como em qualquer outro campo dito científico, o contato com a bibliografia atinente é incontornável. É preciso saber o que já foi feito, conhecer a tradição sobre o assunto ou tema. A chamada revisão de literatura possui mil e uma utilidades... Uma delas é exatamente fornecer novos temas para a pesquisa. Considerando o que já foi feito, identifico **lacunas**, imagino temas novos. Não dá para ser historiador sem levar em conta o que já foi dito

sobre o seu tema ou campo. A historiografia é dialógica, intertextual. Demanda remissão ao já dito e feito, a fortuna crítica do assunto ou tema.

3.2 Os peritos na matéria ou assunto

Outra fonte de inspiração temática é a consulta aos peritos ou mais experientes na matéria, os especialistas. A consulta a eles pode render bons temas ou evitar tópicos infecundos ou irrelevantes, que não de em nada além de perda de tempo. De modo geral, o perito gosta de contribuir, vendo-se reconhecido. Todavia, há também aqueles que se consideram donos do assunto e fecham o terreno para que ninguém o invada. São os latifundiários da historiografia. Ex: Ibarê Dantas. Seja como for, um perito generoso é sempre benéfico ao pesquisador iniciante. Ao final do trabalho, nos agradecimentos, ele não pode ser esquecido. Em ciência, como na vida, a ingratidão é um feíssimo pecado.

3.3 As fontes primárias editadas

As fontes primárias também fornecem pistas importantes para invenção de temas. Neste sentido, é muito proveitoso travar contato com a matéria prima da pesquisa, as fontes históricas, impressas ou editadas. É preciso conhecer tais coleções. Digamos que tenho interesse em pesquisar sobre a escravidão africana no Brasil... Antes de me decidir por um tópico mais específico posso travar contato com as fontes (já editadas) sobre a escravidão. A leitura do material pode fornecer temas para pesquisa, inspirar assuntos. Das fontes pode vir a sugestão de temas novos. Considerando as

fontes, vejo que há material disponível para tratar das alforrias. Ou de um outro tópico do sistema escravocrata.

O mais comum, no entanto, é o contrário: vamos do tema às fontes. A favor do caminho contrário (ir das fontes aos temas) há o fato que, muitas vezes se escolhe um “belo” tema e depois se descobre que não há testemunhos e sem eles não há pesquisa histórica. A historiografia se faz com documentos de época. **Um passeio pelas fontes históricas disponíveis é sempre um exercício enriquecedor.** É contato “direto” com o passado, sem a intermediação do historiador. É a oportunidade de fazer a sua própria leitura do passado, sua visão do passado.

A HEURÍSTICA

4. Um conceito de fonte histórica e de heurística

Fonte histórica é tudo aquilo que ficou de uma época e que pode ser usado pelo historiador para reconstituí-la. Traço essencial de uma fonte histórica é a sua tangibilidade ou materialidade. Isto é, a fonte é uma “coisa” tangível, não uma ideia abstrata. Abstrato pode ser o que se extrai dela. A **Heurística**, por sua vez, pode ser descrita como “um **conjunto de operações relativas à busca, localização e classificação** das diversas fontes históricas. É tarefa indispensável na pesquisa historiográfica tendo em vista que sem fontes históricas não há conhecimento histórico.

5. A classificação das fontes históricas

5.1 Quanto a sua importância.

Quanto à importância ou valor, as fontes históricas são classificadas em dois grandes blocos: **Primárias e Secundárias**. Por **fonte primária** se entende todo o conjunto material produzido na época que se quer estudar. São vestígios ou “sobras” do passado. É a base do conhecimento historiográfico. Sem ela não há historiografia. A fonte primária é também chamada de **indício, evidência, testemunho, documento, prova ou fonte de época**. A fonte primária é a principal sustentação empírica da obra historiográfica, a base da pesquisa. **Fonte secundária** é tudo que é escrito após o fato, temporariamente distante do evento estudado.

5.2. Quanto à forma de apresentação.

Há muitos modos de classificar ou dividir as fontes históricas. De modo geral elas podem ser divididas em: **a) Escritas, b) Iconográficas, c) Sonoras, d) Tridimensionais**. **A) As fontes escritas** são as mais usadas pelos historiadores, salvo os que estudam a Pré-História. Constituem o suporte empírico da maioria das obras de história, é pão cotidiano do historiador. O historiador é predominantemente um escrutador de textos, um filólogo inconsciente. O leque das fontes escritas é imenso e diversificado. Uma tipologia das fontes escritas é infinita, interminável. No entanto, se podem destacar alguns tipos como: **Leis, cartas, orações, discursos, epitáfios, poesias, peças**, entre outros.

B) As **imagens** ou **fontes iconográficas** constituem outro grande lote de testemunhos. A produção de imagens acompanha o Homem desde a Pré-História até a atualidade. No rol das fontes iconográficas, se podem incluir o **desenho, a pintura, a fotografia, o filme, o vídeo, o cartaz**, entre outros. O tratamento ou uso de fontes iconográficas demanda cuidados distintos de outros tipos de fontes. A decifração de uma pintura não é idêntica à interpretação de um texto. No uso de tais fontes, o historiador se vale de duas disciplinas auxiliares: a **iconografia** e a **iconologia**, isto é, a descrição e interpretação de imagens.

6. Os acervos de fontes históricas. Onde estão as fontes?

Cada tipo de fonte histórica é abrigada ou “guardada” em locais específicos. **6.1** Assim, os textos manuscritos são ordenados nos arquivos. **6.2** Os documentos **tridimensionais**, via de regra, são abrigados em museus ou instituições similares. **6.3** O material bibliográfico é comumente guardado em bibliotecas. **6.4** Os chamados vestígios materiais ou “restos” são encontrados nos sítios históricos ou arqueológicos. **6.5** As pinturas têm sua morada habitual nas galerias. Seja qual for a fonte, o pesquisador deve saber onde encontrá-la. Precisa conhecer os acervos de Clio, onde encontrar a matéria-prima do ofício, os ingredientes para o material de nossa torta, a obra de história.

7. Os instrumentos de busca das fontes históricas

Na produção do saber historiográfico, **encontrar as fontes é tarefa fundamental**. É preciso que elas existam, mas também é preciso encontrá-las. Às vezes há notícia da existência de uma fonte, mas não se sabe onde ela está. No plano local, se pode citar a famosa carta de Filipe II da Espanha autorizando a “guerra Justa” contra os índios de Sergipe em fins do século XVI. Onde estaria o documento...? Até hoje não foi localizado. É possível que “durma” em algum arquivo da Espanha. O trabalho de encontrar as fontes é facilitado por um conjunto de instrumentos técnicos, feitos por peritos ou auxiliares. Tais instrumentos são verdadeiros “mapas da mina”. O pesquisador precisa conhecê-los, carece tê-los à mão. São as “bússolas” da pesquisa histórica.

8. A coleta e o ordenamento dos dados

Após a busca e o encontro das fontes é a hora de extrair delas o “dado” necessário à pesquisa, a chamada “coleta de dados”. A experiência secular da pesquisa histórica recomenda o uso universal de fichas. O uso das folhas avulsas se impõe pela sua praticidade e funcionalidade: facilitam o uso futuro. O fichamento pode ser **literal, parafrásico ou misto**. Posso copiar o documento, posso resumi-lo, posso combinar cópia e resumo. Em qualquer caso, é fundamental referenciar o documento. Isto é, fornecer o “endereço dos dados” colhidos. No caso de manuscrito, é usual indicar o título do documento, o nome do arquivo e o seu localizador no acervo (cota).

8.1. Posso ordenar o material por **Assunto ou Tema**. Assim, numa pesquisa sobre escravidão, posso dividir o meu material fichado em **Compra, Venda, Alforria, Quilombos**. **8.2** Também é possível dispor o material em **sequência cronológica**. Por exemplo: “Escravidão no século 18 e 19. **8.3.** Ainda é possível classificar as fichas coletadas pelo **critério espacial ou geográfico**. Ex: “A escravidão em Estância, Lagarto ou em Itabaiana”. **8.4.** Também, a depender do material encontrado, posso dispor as fichas pelos nomes dos personagens envolvidos. É o **ordenamento Onomástico ou nominal**.

9. A CRÍTICA HISTÓRICA OU DOS TESTEMUNHOS

9.1 Um conceito de crítica histórica

Crítica é “Parte do método histórico que consiste em determinar o **valor dos diferentes documentos do passado.**” (JOLIVET, Regis. **Vocabulário de Filosofia**. Rio de Janeiro. Agir, 1975. p 59-60.) Noutros termos, **Crítica histórica** é a consideração dos testemunhos quanto ao seu valor enquanto fonte de informação. **É o conjunto de operações visando responder à indagação:** o testemunho merece crédito, é digno de confiança? Pode ser usado? É a parte técnica do trabalho historiográfico. Tarefa preliminar. Antes de usar o material, verifico a sua qualidade.

9.2. A função da crítica histórica

O papel da crítica histórica é evidente: **antes de usar, avaliar**. O historiador procede como o construtor de uma casa: antes de usar tijolos, pregos, madeiras, vergalhões, aprecia ou considera a qualidade do material que será utilizado. Ou como a boleira, que antes de fazer o bolo considera a qualidade dos ingredientes. O historiador é como o construtor prudente ou cuidadoso, que avalia a qualidade do material que tem à mão. O material ruim faz ruir a casa. De igual modo, fontes indignas de crédito não sustentam uma boa obra. O material, previamente reunido, precisa ser “pesado”.

10. DIVISÃO E TAREFAS DA CRÍTICA HISTÓRICA

10.1 A crítica externa

A crítica externa tem como função averiguar a **autenticidade, a autoria e a datação do testemunho**. a) Verificar a **autenticidade** consiste em considerar se o testemunho, como o tenho à mão, foi produzido à **época** e pelo **autor** atribuído ou presumido, ou é uma falsificação. Assim, por exemplo, frente a uma carta dita de D. Pedro II, preciso verificar se, de fato, ela foi escrita pelo imperador. A letra é de D. Pedro? O material utilizado é da época? Outra tarefa é considerar se a fonte foi alterada depois de sua composição, houve acréscimos? Houve supressões? Houve interpolações? Em alguns livros da bíblia ocorreu isso.

A verificação da autoria

Outra tarefa da Crítica Externa é a verificação da Autoria: quem produziu a fonte? Quem a fez? A carta, dita do imperador, é de fato dele? É do punho do monarca? Verificar a autoria do documento é importante no ofício do historiador. Imaginemos um historiador da arte... Frente a uma pintura atribuída a Pablo Picasso, precisa verificar se, efetivamente, a obra é do artista espanhol. O historiador precisa atentar para as características da pintura, confrontando-as com as já atestadas características do pintor. É o caso, por exemplo, do chamado “Comma Joanino”, isto é, os versículos 7 e 8 do capítulo 5 da Primeira Epístole de São João. Os versículos não faziam parte da redação original do texto. Foram acrescentados por um copista do século 9º. Vejamos o texto com o acréscimo do copista trinitário.

“6 Ei-lo, Jesus Cristo, aquele que veio pela água, mas pela água e pelo sangue. E o Espírito é quem dá testemunho dele, porque o Espírito é a verdade. 7 São, assim, três os que dão testemunho: 8 o Espírito, a água e o sangue; esses três dão o mesmo testemunho”. (Fonte: **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 5.ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011. p. 1987).

A verificação da datação é outra função da crítica externa. Consiste em localizar o documento no tempo. Quando ele foi feito ou elaborado? A chamada “Ponte do Imperador” foi construída, efetivamente no ano de visita do imperador a Sergipe? A “ponte”, de hoje é daquela época? Submetendo o monumento à crítica histórica, verifico que a atual Ponte do imperador data

do início do século XX. Ou seja, mais de 50 anos após a visita do Imperador. No mesmo local, foi construída substituindo a original feita de madeira, sem compromisso com a durabilidade. **Datar** o documento é **tarefa incontornável** no ofício do historiador.

10.2 A crítica interna - Tarefas

A) A verificação da fidedignidade do testemunho é operação fundamental da crítica interna. Visa responder a questão: O que diz a fonte, merece crédito? É digno de fé? É verdadeiro? Recebi um bilhete de um amigo dizendo que não poderá jantar comigo hoje, pois está doente. Valendo-me da crítica externa, verifico se o bilhete é efetivamente da sua autoria. A letra, o estilo, o vocabulário.

Feito isto, submeto o bilhete à Crítica Interna, pergunto se o que foi dito é verdadeiro. Ele está efetivamente doente? Ou está mentindo? **A verificação da fidedignidade de um testemunho demanda confrontá-lo com outros testemunhos** da mesma época. No exemplo, ligo para outros amigos, para o médico ou para o trabalho...

B) Também é tarefa da **crítica interna a verificação da competência** do autor. Consiste em perguntar se o autor tinha condições de informar o que diz no documento. Ex: Recebi um e-mail de um amigo de Lagarto, dizendo que os protestos de junho de 2013 na cidade foram imensos... Frente a informação, devo considerar: o meu amigo foi às ruas, ou colheu informações de terceiros. Foi testemunha ocular ou auricular dos fatos? É

um observador cuidadoso? Aqui há de se considerar a **personalidade** e a **profissão** do autor. Sobre o relevo de uma região merece mais crédito o testemunho de um geógrafo do que as impressões de um turista.

C) Tarefa fundamental na Crítica Interna é a decifração do testemunho: **O que “diz” o documento?** Nesta operação, é essencial considerar que sendo o testemunho de outra época, fala outra linguagem, uma língua estrangeira. **O documento fala outra língua:** a língua da época na qual foi elaborado. Em se tratando de escritos, é preciso levar em conta **o vocabulário, a sintaxe**. Também é fundamental considerar o gênero da fonte. No plano semântico, é preciso considerar se o documento fala em linguagem figurada ou literal, conotativa ou denotativa. **Ex: “O Peregrino” (1678) de John Bunyan** retrata as peripécias de um viajante do século 17 ou fala da “jornada” do cristão pelo Mundo? Ou como deve ser lido o “Cântico dos Cânticos”? O amor ali tematizado é carnal ou espiritual?

11. O FUNDAMENTO DA CRÍTICA

O fundamento da crítica histórica conforme, Marc Bloch, é a comparação. Ou seja, criticar uma fonte é confrontá-la com outras evidências da mesma época ou da mesma natureza. Ex: Chega a mim uma obra impressa, dita do século XVIII... Para verificar o seu valor como testemunho, confronto tal obra com outras **comprovadamente** do século XVIII. **O**

vocabulário, a ortografia e a sintaxe são do século XVIII? Em caso positivo, considero a obra autêntica (Crítica Externa).

12. LIMITE DA CRÍTICA HISTÓRICA

Os resultados obtidos pela Crítica Histórica não são da ordem da certeza matemática. **São alegações probabilísticas**, não certezas absolutas. No plano da crítica externa, por exemplo, posso me equivocar quanto à datação ou autoria da fonte. Há muitos exemplos disto. No âmbito da **crítica interna**, também posso incorrer em erros. Posso não captar que o autor fala de modo figurado e lê-lo de modo literal. Por exemplo: como “ler” a aventura de Jonas narrada no livro bíblico de igual título?

13. A REDAÇÃO DA SÍNTESE HISTÓRICA

13.1 Conceito de Síntese Histórica

“Síntese Histórica” é o **resultado textual da pesquisa, é a obra histórica ou historiográfica**. É o texto redigido pelo historiador como resultado da sua investigação. É o coroamento do trabalho: escolhi um tema, busquei as fontes, fiz a crítica delas... agora é hora de dar uma forma textual ao resultado da investigação.

14. OS COMPONENTES DA SÍNTESE HISTÓRICA

14.1 Introdução: Apresentação do **objeto**, dos **objetivos**, da **metodologia**, limites, do referencial teórico, fontes. **14.2 Desenvolvimento:** Apresentação, interpretação, explicação, comparação e classificação dos dados da pesquisa. **14.3 Conclusão:** Parte do texto na qual o autor sintetiza o feito, aponta limites ou sumariza as principais teses do trabalho. É o fecho da obra. **14.4 As notas ou aparato:** consiste na lista completa das fontes utilizadas na feitura do trabalho, e da bibliografia utilizada (historiográfica, teórica, e metodológica).

15. AS FORMAS DA SÍNTESE HISTÓRICA

O resultado textual da pesquisa histórica pode tomar diversos formatos. **15.1 O relatório** é o formato mais técnico. Pode tomar feição narrativa ou descritiva. Basicamente, consiste na apresentação de dados. Ex: Relatório de pesquisa. **15.2 A monografia** é o estudo sobre um tema específico, circunscrito ou limitado. Exemplo: História da Paróquia de Santo Antônio. **15.3 O artigo científico** é a síntese histórica feita pelo especialista. Tem como destinatário a comunidade historiográfica. Busca originalidade. **15.4 A dissertação** é a síntese histórica apresentada para obter o título de Mestre. Exige domínio da historiografia, teoria e metodologia pertinente. **15.5 A tese** é a síntese histórica feita para obter o grau de Doutor. Demanda originalidade.

16. AS FORMAS BÁSICAS DE APRESENTAÇÃO DA SÍNTESE

HISTÓRICA

16.1 A **forma narrativa** é a mais usual. Nela os eventos são apresentados de modo sucessivo, seguindo o fio do tempo. Isto, depois aquilo. Brasil Colonial, Imperial e Republicano. Historiar, nesse caso, é narrar eventos sucessivos. 16.2 A síntese histórica também pode se apresentar como um “**quadro**”, ou a “fotografia” de uma época. O Brasil colonial era assim... No ramo econômico, político. Em lugar da sucessão, temos a simultaneidade, um esboço de todos os elementos de uma dada época. Ex: A sociedade feudal, o amor no medievo, etc. É a história na forma “fotográfica” ou morfológica. 16.3 Também é possível combinar a sucessão com a simultaneidade, focando **uma sucessão de quadros: é a forma mista.**

17. HISTORAR É ESCREVER

O historiador é um escritor. Sendo a historiografia, antes de tudo, um texto é imperativo que o historiador seja um escritor. A escrita em história é tarefa capital, incontornável. Como a historiografia pode ser redigida? Aqui, como noutros pontos, não há uma forma única. O estilo é mais ou menos livre. Seja como for, o historiador precisa dominar a arte da narrativa e da descrição. Para o aprendiz, recomenda-se começar imitando bons modelos, lendo os historiadores consagrados, observando como eles apresentam os fatos pesquisados, como encenam o passado. O estilo do aprendiz será, ao fim, uma síntese dos diversos modelos assimilados.

Dentre os historiadores brasileiros alguns são modelares. Podemos citar: Gilberto Freire (1900-1987), autor de **Casa Grande e Senzala**; Sergio Buarque de Holanda (1902-1982), autor de outro clássico, **Raízes do Brasil**. Do passado, temos ainda Capistrano de Abreu (1853-1927) com seus **Capítulos de História Colonial** e José Oliveira de Alcântara Machado (1875-1941), autor de **Vida e Morte do Bandeirante**, um monumento literário e historiográfico. Dentre os contemporâneos se destacam José Murilo de Carvalho (1939) e Ronaldo Vainfas (1956). No plano local, destacam-se José Silvério Leite Fontes (1925-2005) e José Ibarê Costa Dantas.